



FERNANDO SOUZA



Medronho vence eleição com voto maciço dos professores

> Com larga margem de vantagem entre os docentes — até o fechamento desta edição eram 2.073 votos, contra 794 de seu oponente —, o professor Roberto Medronho, titular da Faculdade de Medicina, é o reitor eleito da UFRJ para o período 2023-2027. **Páginas 4 e 5**

44 anos de luta pel@s professor@s

AduFRJ 44

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Que semana! Estamos exaustos, mas honrados. Os últimos dias foram muito importantes para nós, professores e diretores da AdUFRJ.

Importante porque nossa comunidade organizou com tranquilidade democrática mais um processo eleitoral para a reitoria da maior universidade federal do país. Essa calma institucional revela mais do que o resultado das urnas: mostra que professores, técnicos e estudantes se respeitam, nutrem uma relação madura e prezam o diálogo.

Importante também porque, depois de intensa negociação — com participação sindical —, o Congresso aprovou a proposta de reajuste salarial de 9% dos servidores públicos federais. Os docentes do ensino superior, por exemplo, não tinham aumento desde 2019. Sabemos que o percentual é pouco, está longe de repor as perdas, mas já é avissareiro de novos tempos.

Porém, para nós, diretores da AdUFRJ desde 2021, eleitos na rebarba da pandemia e nos estertores do desgoverno neofascista de Bolsonaro, o grande dia da semana foi a quarta-feira, 26 de abril de 2023, data em que a AdUFRJ completou 44 anos. É uma honra para nós ocupar a diretoria desse sindicato, nascido em 26 de abril de 1979, quando o país ainda enfrentava a ditadura militar.

Na época, corajosos docentes da UFRJ das mais diversas áreas fundaram a associação de professores, imbuídos da rebeldia contra o regime e do compromisso com a reconstrução democrática. Um pouco dessa linda história está na página 9 do Jornal, contada pelo professor Ericksson Almendra, um dos fundadores e segundo presidente da AdUFRJ. O primeiro foi o saudoso Luiz Pinguelli Rosa.

Mas a beleza de chegar aos 44 anos é que misturamos passado e futuro. Temos uma tradição, mas também temos um jeito novo de ver a luta sindical, como a aponta a vice-presidente da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, em vídeo postado em nossas redes sociais.

Nesses 44 anos, a gente comemora não só a tradição, mas também as inovações que a AdUFRJ tenta implementar. Queremos atuação sindical mais dinâmica que combina as novas redes

com as formas tradicionais de luta. Essa nova forma de ver o sindicalismo como dimensão da vida concreta dos professores está refletida na nossa campanha de filiação, que permite que professores assistentes e adjuntos — e seus equivalentes da carreira EBTT — tenham isenção das mensalidades da AdUFRJ, ao mesmo tempo em que podem se beneficiar de descontos em escolas, cursos, academias e clínicas. Convidamos também os docentes a buscarem em nossa sede blocos e cadernos feitos com carinho pela AdUFRJ.

Aproveitamos o clima de festa para parabenizar o professor Roberto Medronho e a professora Cássia Turci, escolhidos pela comunidade acadêmica para conduzirem nossa UFRJ pelos próximos quatro anos.

Aproveitamos o clima de festa para parabenizar o professor Roberto Medronho e a professora Cássia Turci, escolhidos pela comunidade acadêmica para conduzirem nossa UFRJ pelos próximos quatro anos. Esperamos uma relação mais profícua com algumas áreas, como a PR-4 e a Procuradoria, e renovamos nosso compromisso com a autonomia sindical, mas também com o diálogo com a reitoria. No próximo dia 12 de maio, o Conselho Universitário concluirá o processo eleitoral.

E como o tempo não para, relembramos que está por vir a eleição do Andes, nosso sindicato nacional. Em reportagem na página 6, detalhamos os bastidores da disputa que ocorre nos dias 10 e 11 de maio. Todos os docentes sindicalizados podem votar. A diretoria da AdUFRJ está convencida de que renovar o Andes é fundamental para oxigenar o movimento sindical e aproximá-lo do cotidiano das professoras e professores.

E assim terminamos a semana, com folia, esperança e uma saudação especial para a linda festa pá, a da Revolução dos Cravos, o mais belo movimento emancipatório de Portugal, cujo aniversário quase coincide com o nosso. Parabéns a tod@s. Boa leitura!

NOVOS EMÉRITOS: PAULO ALCÂNTARA GOMES E HILTON KOCH

O Conselho Universitário do dia 27 aprovou, por unanimidade, a concessão do título de emérito ao ex-reitor Paulo Alcântara Gomes (Politécnica). O professor (foto), que dirigiu a UFRJ entre 1994 e 1998, obteve diversos prêmios e reconhecimentos nacionais e internacionais ao longo da trajetória acadêmica. Dentre eles, a Medalha Pedro Ernesto (2003), Membro titular da



Academia Pan-Americana de Engenharia (2001), Medalha do Pacificador (2001), Ordem

das Palmas Acadêmicas — França (1998), Membro Titular da Academia Brasileira de Educação (1992) e Membro Titular da Academia Nacional de Engenharia (1991).

O Consuni também agradeceu o professor Hilton Koch, da Faculdade de Medicina, com a emergência. O professor, quando ainda estava no doutorado, nos anos 80, coordenou a Campanha Nacio-

nal de Combate ao Câncer do Ministério da Saúde. As campanhas organizadas à época foram premiadas pela Organização Mundial da Saúde. Koch foi presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e, mais recentemente, teve papel central na captação de recursos para a criação do Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem da UFRJ, o Cenabio.

REAJUSTE DAS BOLSAS

Em função do recente anúncio de recomposição do orçamento das universidades, a reitoria anunciou ao Conselho Universitário do dia 27 que haverá um aumento no valor das bolsas acadêmicas. “Estamos recebendo uma suplementação de 20% e, em média, o reajuste vai ficar em torno de 25%. Em termos orçamentários, serão mais

R\$ 12 milhões por ano”, afirmou o pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp. A suplementação do governo — de R\$ 64 milhões para a UFRJ, conforme informado na edição anterior do Jornal da AdUFRJ — entrará na conta da instituição em 31 de maio. No mês de junho, já serão pagos os reajustes e as diferenças retroativas a março.

ENCONTRO DE REITORES

O reitor Carlos Frederico Leão Rocha vai participar do V Encontro Internacional de Reitores da Unversia, em Valência, na Espanha, entre os dias 6 e 11 de maio. O tema do encontro será “Universidade e Sociedade”. Segundo os organizadores, o evento terá três eixos: aprendizagem contínua; promoção do empreendedorismo e da inovação;

e redes e interconexão entre as universidades. Além dos dirigentes acadêmicos, foram convidados representantes de governos e organizações internacionais ligadas ao ensino superior de 13 países: Alemanha, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Reino Unido, Uruguai, México, Peru, Polônia e Portugal.

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

	IBEU
	CLUB PET
	MAPLE BEAR TIJUCA
	MIT CUIDADORES
	ACADEMIA TIJUCA FIT
	MADONA CLINIC
	PSICARE
	FISIOTERAPIA RJ LTDA
	CRECHE AMANHECENDO
	CRECHE ESCOLA RECRIAR
	CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
	ROÇA URBANA ORGÂNICOS
	JC LUZ CORRETORA
	FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
	BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
	MACAÉ ESCOLA ALFA
	CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
	HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
	MAIS FITNESS ACADEMIA
	CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
	RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
	KALUNGA PAPELARIA
	DROGARIA RAIA

Cursos noturnos padecem com rosário de problemas

> Cada vez mais esvaziadas em número de alunos e professores, aulas do período noturno sofrem com falta de transportes e de locais para alimentação, insegurança e até iluminação insuficiente

MILENE GABRIELA E SILVANA SÁ
comunica@adufjr.org.br

Trabalhar e estudar nos cursos noturnos da UFRJ se revela um desafio. A iluminação é insuficiente, o transporte é falho e opções de alimentação inexistem depois das 20h. A sensação de casa vazia também contribui para a noção de insegurança de quem precisa frequentar os campi à noite. Em 2019, a universidade tinha 11.968 alunos distribuídos em seus cursos noturnos. Em 2023, esse número é de 10.261, uma queda de 14,26%. Entre os professores, eles eram 1.347, em 2019. Hoje, são 1.113, queda de 17,37%.

“Durante a pandemia, houve uma procura significativa de pessoas de outros estados para cursar a UFRJ no ensino remoto”, explica o superintendente geral da pró-reitoria de Graduação, professor Joaquim Mendes da Silva. “Mas a pandemia também trouxe problemas socioeconômicos que obrigaram muitos estudantes a trancar ou sair da universidade para trabalhar”, continua. “Há muitas razões envolvidas na evasão e retenção estudantil”, conclui.

No caso dos alunos da noite, pesa a questão da sobrevivência, mas também o receio no deslocamento de volta para casa. “O meu curso só existe no período noturno e os maiores problemas que eu enfrento estão relacionados ao transporte público e à falta de segurança”, conta a estudante Tainá Pires, do curso de Defesa e Gestão Estratégica Internacional. O sentimento é compartilhado por outros estudantes. “A frota de ônibus sempre reduz. Eu estudo no CT e moro na Pavuna.

Meu último ônibus passa por volta das 21h30, mas minha aula termina às 22h, então eu sempre perco o final das aulas”, lamenta Camilla Barros, do curso de Química. A alimentação é outro problema. “No horário que eu chego, às 18h, a fila do banheiro geralmente está enorme”.

A falta de opções para refeição fez o professor Ildeu Moreira, do Instituto de Física, criar um intervalo em sua aula, por volta das 20h30, para que os alunos pudessem se alimentar com os lanches que ele mesmo levava. “No semestre passado, eu comprava biscoito, refrigerante, suco para a gente fazer um lanche, porque não tinha onde os alunos comerem”, lembra. Uma forma de solucionar o problema, sugere o professor, é que a administração central preveja no contrato com os permissionários de quiosques um horário de funcionamento que atenda aos cursos noturnos. “A universidade poderia fazer um rodízio entre os donos dos trailers, para os estudantes e professores poderem comer alguma coisa”, diz. “É papel da UFRJ formar bem os alunos que vão se tornar professores na educação básica”.

O professor João Torres, presidente da AdUFRJ, dá aulas à noite para a licenciatura no Instituto de Física. “Meu curso vai até 21h30, mas sempre termino antes, porque os meus alunos dependem de ônibus que passam às 20h30 ou às 22h. Se eles perdem um deles, o transporte é enorme”, conta. Para ele, a universidade precisa usar seu prestígio para pressionar por mais ofertas de transporte público no Fundão. “A UFRJ tem importância estratégica e política na cidade. Deve usá-la para tentar interferir nas decisões das empresas de ônibus, para que aumentem a frequência, diversifiquem os itinerários, estendam os horários”, sugere.



CORREDORES VAZIOS e quiosques fechados: cena comum nos cursos noturnos do Centro de Tecnologia

A pouca iluminação também deixa professores e estudantes com medo. “Alguns lugares na UFRJ são muito escuros, não há iluminação eficiente. Nos dias em que saio por volta das 22h, eu procuro deixar meu carro mais próximo do prédio, para eu não ter que andar no escuro”, confessa a professora Ana Lúcia de Lima, do Instituto de Química. “Entendo que alguns pontos devem ser melhorados: deixar os espaços mais iluminados, ter outras opções de restaurantes e quiosques para alimentação e mais opções de ônibus”, elenca a professora. “Além de fiscalização, pois no período noturno os motoristas de ônibus fazem o que querem”.

Os problemas não se restringem ao Fundão. Em unidades “isoladas”, como o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, sair da aula à noite é se aventurar. “O grande problema é a segurança. Estamos no Centro da cidade, em uma região que, à noite, fica muito deserta”, observa o professor Fernando Santoro, diretor do IFCS. Para mitigar os prejuízos, a comunidade pensou em algumas “soluções”. “Nós abrimos a porta traseira do IFCS para acesso direto à Praça Tira-

dentes, como forma de evitar as ruas laterais. Aconselhamos as pessoas a saírem em grupos grandes e a nunca andarem sozinhas”, detalha. “Temos notícia de assaltos frequentes na região e tentamos, com essas medidas, evitá-los”.

Na Praia Vermelha, a segurança também é a principal queixa. “Quando o shopping (Rio Sul) fecha, a movimentação no entorno do campus reduz muito. A iluminação também não é boa e sempre temos notícias de assaltos e arrastões”, relata a estudante Vivian Telles, do curso de Pedagogia. “Normalmente, a gente pede para a aula terminar antes das 22h para esperar o ônibus com um pouco mais de segurança”.

O QUE DIZA UFRJ

Sobre a oferta de linhas e o horário de circulação dos ônibus no Fundão, o prefeito da Cidade Universitária, Marcos Maldonado, afirma que as empresas são notificadas em relação ao funcionamento dos cursos. “Todas as empresas de ônibus são avisadas do horário de encerramento dos cursos, mas não temos poder para fazer com que transitem dentro da Cidade

Universitária”, diz.

Ele também se defende sobre a sensação de insegurança relatada por professores e estudantes. “A Divisão de segurança (Diseg) está totalmente ativa em relação aos pontos, temos feito blitz diurnas e noturnas com abordagem dentro da Cidade Universitária, rondas, acompanhamos nossas câmeras no Centro de Controle Operacional, que são voltadas para os pontos de ônibus”, revela. “A segurança não é (um problema) somente na Cidade Universitária, é extenso. O que cabe ao prefeito da Cidade Universitária fazer, estamos fazendo”.

Perguntada sobre as condições de estrutura e segurança oferecidas aos cursos noturnos, a pró-reitoria de Graduação respondeu que “a Prefeitura Universitária busca otimizar a oferta de serviços públicos para o corpo social da UFRJ, para minimizar os problemas enfrentados pelos estudantes”. E que a “infraestrutura oferecida pela universidade tem se mostrado adequada para atender aos cursos de graduação, dentro dos limites impostos pelas restrições orçamentárias enfrentadas pela UFRJ nos últimos anos”.

CAIXAS DO BANCO DO BRASIL NO CT VOLTAM A FUNCIONAR

Após semanas de reclamações da comunidade acadêmica, os caixas eletrônicos do Banco do Brasil no Centro de Tecnologia voltaram a funcionar no dia 25. Professores, técnicos e estudantes se queixavam da falta de dinheiro para saques e de papel para impressão de comprovantes. Além disso, criticavam o reduzido número de máquinas para o atendimento. No espaço, já funcionou uma agência completa. “Uma agência que foi fecha-

da, deixou dois caixas que não funcionam e que muitas vezes são utilizadas como lixeiras pelos alunos. É uma situação crítica”, disse o professor Ildeu Moreira, do Instituto de Física, poucos dias antes do concerto dos caixas.

Pós-graduanda em Técnicas de Representação Gráfica, Cass de Mattos concorda com o docente. “Havia uma agência, com segurança, e várias opções de serviços no caixa”, afirmou.

Fiscal do contrato de cessão daquele espaço, a Superinten-



CAIXA ELETRÔNICO avariado na semana passada

dência do CT também já pedia providências ao banco. “Reclamamos os problemas, que são de muito tempo, com a agência que fica no Centro de Ciências da Saúde, mas disseram que os responsáveis pela solução estão na sede de Curitiba”, concluiu Agnaldo Fernandes. No dia 20 de abril, o CT encaminhou as queixas da comunidade à Pró-reitoria de Governança (PR-6). (Francisco Procópio e Milene Gabriela)

FERNANDO SOUZA



FERNANDO SOUZA



FERNANDO SOUZA



FORÇA DOS DOCENTES CONSAGRA MEDRONHO

O professor Roberto de Andrade Medronho é o reitor eleito da UFRJ. Até o fechamento desta edição, com a totalidade das urnas eletrônicas apuradas, restando apenas computar os votos em separado, a chapa de Medronho e de sua vice Cássia Turci havia conquistado uma vitória irreversível contra a chapa 20, dos professores Vantuil Pereira e Katya Gualter. A resposta das urnas, após três dias de eleição, não deixa dúvidas sobre o caminho escolhido pela comunidade acadêmica para os próximos quatro anos. Medronho e Cássia venceram com larga margem entre os professores — até o fechamento desta edição eram 2.073 votos, contra 794 de seus oponentes. Entre os técnicos, a dupla de professores titulares foi também bem votada, perdendo apenas no segmento estudantil. “Foi uma vitória da democracia. As divergências foram discutidas num processo muito respeitoso. Quero agradecer não só aos nossos eleitores, mas também aos professores Vantuil e Katya, pelo debate franco. Agora é hora de estarmos unidos em torno do fortalecimento da UFRJ”, disse o professor Roberto Medronho após a última urna eletrônica, a de docentes do Museu Nacional,

ser totalizada. O candidato derrotado, Vantuil Pereira, reconheceu a vitória de seu oponente: “Foi um processo dos mais democráticos e participativos da universidade. Temos compromisso, sim, de mostrar as diferenças, mas respeitaremos o resultado. Ainda que tenhamos diferenças, desejo sucesso ao professor Medronho, porque o sucesso dele é o sucesso da UFRJ”, disse o professor. A abstenção entre alunos foi alta: quase 80% não compareceram às urnas. O comparecimento dos técnicos ficou em torno de 50%. Já entre os professores, onde a consagração da chapa 10 foi cristalina, o comparecimento às urnas chegou a 70%.

Presidente da AdUFRJ, o professor João Torres comentou o resultado. “A comunidade universitária escolheu a chapa Medronho-Cássia de forma madura e responsável. Experiência, currículo e comprometimento com a coisa pública são fundamentais para conduzir a maior universidade federal do Brasil.

Na próxima edição do Jornal da AdUFRJ, você confere mais detalhes sobre o pleito, o mapa completo dos resultados da eleição e um balanço da comissão eleitoral.

JOÃO LAET



DIREITO

DIVULGAÇÃO



CAXIAS

BRUNO DE LIMA



CCS

CENAS DA ELEIÇÃO

JOÃO LAET



IPUB

ALESSANDRO COSTA



CENTRO DE TECNOLOGIA

ALESSANDRO COSTA

KARINE VERDOORN



MACAÉ

Polêmica esquentada eleição para o Andes na reta final

> Impugnação de candidata e suspensão temporária de campanha da chapa 2 geram protestos contra Comissão Eleitoral, que é acusada de censura. Candidatos reforçam visitas a universidades

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Suspensa formalmente desde o dia 20 de abril por decisão da Comissão Eleitoral Central (CEC), a campanha da chapa 2 — Andes-SN classista e de luta — foi retomada nesta terça-feira (25). De acordo com a CEC, a suspensão foi consequência da resistência da chapa em substituir a professora Danielle Dias da Costa (UEAP), candidata a 2ª secretária da Regional Norte II. A docente foi impugnada por supostamente não estar em dia com suas contribuições sindicais até o prazo determinado pela comissão, o que sempre foi contestado pela chapa 2.

A liberação da campanha foi comunicada nesta quarta-feira (26) à chapa 2. “Após análise de recurso enviado à CEC, foi deliberado que a candidatura da professora Danielle Dias da Costa, como membro da chapa 2, foi impugnada. Ressaltamos que essa decisão foi tomada após uma cuidadosa análise dos fatos e em consonância com as normas estabelecidas pelo Regimento Eleitoral”, diz o comunicado. “É importante destacar que essa deliberação não prejudica a continuidade do processo eleitoral, podendo a chapa 2 continuar no pleito eleitoral. Diante do exposto, informamos que a campanha eleitoral da chapa 2 poderá ser retomada”, conclui a nota da CEC.

A polêmica acentuou a rota de colisão entre as chapas 1 e 2, cujos grupos políticos já foram aliados. A chapa 1 — Andes pela base — é apoiada pela atual diretoria do sindicato nacional, e tem como candidato a presidente o professor Gustavo Seferian (UFMG), diretor da entidade. O representante da chapa 1 na CEC foi o único a se abster na votação pela prorrogação do prazo para a manifestação da chapa 2 acerca da impugnação — aprovada por 8 votos favoráveis contra essa única abstenção. A chapa 2 considerou a suspensão um “desrespeito à história” do sindicato, com base em “uma acusação esdrúxula, ilegítima e extemporânea”.

CENSURA

Candidata a 3ª vice-presidente da chapa 2, a professora Marinalva Oliveira, da Faculdade de Educação da UFRJ, criticou duramente a CEC: “Passou por cima de todas as autorizações



FOTOS: DIVULGAÇÃO DAS CHAPAS



CANDIDATOS da chapa 3 percorreram a UFRJ dia 26 (alto). Chapas 2 (centro) e 1 (acima) também estão na disputa

atribuídas pelo Congresso da categoria e decidiu por usar a censura como forma de punir a chapa 2. Importante lembrar que a categoria nunca permitiu que uma medida de censura fosse utilizada no Andes. Podemos afirmar que estão vivas deploáveis práticas punitivistas. A chapa 2 continua no processo eleitoral com 82 nomes, mas não desistiremos de ter a Danielle de volta à chapa. Somos 83!”, sustentou a professora. Marinalva lembrou que a decisão da CEC contraria as normas

vigentes no Andes. “A comissão decidiu inovar e criar o processo de impugnação seletivo contra apenas uma candidata, mantendo a categoria nunca permitiu que uma medida de censura fosse utilizada no Andes. Podemos afirmar que estão vivas deploáveis práticas punitivistas. A chapa 2 continua no processo eleitoral com 82 nomes, mas não desistiremos de ter a Danielle de volta à chapa. Somos 83!”, sustentou a professora. Marinalva lembrou que a decisão da CEC contraria as normas

Para a docente, a impugnação da candidatura foi um equívoco. “Danielle estava com sua contribuição sindical em dia e, após quase um mês do registro de sua candidatura, identifica-se que, por erro de cálculo do tesoureiro denunciante, havia um resíduo a ser complementado, o qual foi imediatamente quitado pela já candidata. Cabe salientar que discrepância de valores não caracterizaria inadimplência, e uma questão elementar do Direito não assumida pela CEC é que uma vez corrigida uma

inadimplência têm-se todos os direitos restabelecidos”, diz Marinalva. E voltou a criticar: “Diante de uma decisão precipitada da CEC, a chapa 2 foi impedida de fazer campanha entre os dias 20 e 25/4, mesmo antes do julgamento do recurso da chapa em relação à impugnação da candidatura”.

CAMPANHA

Durante o período em que vigorou a decisão da CEC, alguns debates entre as chapas concorrentes ao Andes deixaram de ser realizados. Um deles aconteceria no dia 24 no Sindicato dos Docentes do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (SINDCEFET-MG). O encontro reuniria a professora Raquel Dias, candidata a 1ª vice-presidente pela chapa 1, o professor Welbson Madeira, candidato a 1º tesoureiro da chapa 2, e a professora Erika Suruagy, candidata a 1ª tesoureira da chapa 3 — Renova Andes, que abriga o principal grupo de oposição à direção do Andes. O debate teve de ser adiado. “Realizar o debate sem a participação da chapa 2, diante de uma suspensão temporária e, portanto, que pode ser revertida, não seria democrático”, justificou, em nota, o SINDCEFET-MG.

A campanha eleitoral para o Andes entra em sua reta final. As eleições para o biênio 2023-2025 ocorrem nos dias 10 e 11 de maio. As seções sindicais já definiram as composições de cada Comissão Eleitoral Local (CEL). A ADUFRJ definiu o nome do professor João Torres, presidente do sindicato, como presidente da comissão eleitoral, tendo como suplente a professora Nedita do Espírito Santo. Os representantes titulares das chapas serão os professores Markos Klenz Guerrero (chapa 1), André Meyer Alves de Lima (chapa 2) e Mayra Goulart (chapa 3).

Esta é a segunda vez, nos 42 anos do Andes, que três chapas disputam as eleições do sindicato — a primeira foi em 1996. Além de Gustavo Seferian (UFMG) pela chapa 1, disputam a presidência da entidade os professores André Guimarães (Unifap), pela chapa 2, e Luis Antônio Pasquetti (UnB), pela chapa 3. Pasquetti esteve nesta quarta-feira (26) na UFRJ, onde visitou diversas unidades do campus da Ilha do Fundão, em companhia das professoras Eleonora Ziller, candidata a secretária-geral, e Mayra Goulart, candidata a 2ª vice-presidente da Regional Rio de Janeiro da chapa 3.

Campanha estimula jovens a se inscreverem no Enem

> Observatório do Conhecimento lidera parceria que pretende valorizar o acesso a universidades por meio do Exame Nacional do Ensino Médio, sobretudo para estudantes de baixa renda



SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O Observatório do Conhecimento lançou nesta quinta-feira (27) uma campanha para estimular os jovens a se inscreverem no Enem. Com o mote “O Enem abre portas, bora pra dentro!”, a iniciativa vai apresentar aos jovens as vantagens de ingressar na universidade, explicando que o exame é o caminho para acessar as universidades públicas, via SiSU, e a rede privada através de programas como o Prouni e Fies. A campanha é uma parceria do Observatório com a rede Articul@ções, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e o *think tank* Sou_Ciência.

A primeira etapa foi até esta sexta-feira (28), quando se encerra o período de pedido de isenção da taxa de inscrição do Enem. A campanha tem como objetivo sensibilizar os estudantes de Ensino Médio, em especial os em situação de vulnerabilidade socioeconômica, para que se inscrevam na prova.

A professora Mayra Goulart, coordenadora do Observatório e vice-presidente da ADUFRJ, explicou que a campanha é parte da atuação da rede. “Essas articulações com a sociedade civil e com outras entidades da educação, para ações que fortalecem o ensino superior, são parte fundamental da atuação do Observatório”, disse. “Essa campanha também é importante neste momento em que temos a percepção de que há um desalento por parte dos jovens, que estão procurando cada vez menos o acesso à universidade”, explicou a professora.

QUEDA DE INSCRIÇÕES

Essa impressão é refletida nos números. Ano passado, o exame teve o segundo menor número de inscritos (3.476.226) da história, ficando atrás apenas de 2021, quando o quadro da pandemia era mais grave. A queda foi de 35% em relação a 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro.

A campanha tem dois momentos. O primeiro, e mais



Essa campanha também é importante neste momento em que temos a percepção de que há um desalento por parte dos jovens, que estão procurando cada vez menos o acesso à universidade”

MAYRA GOULART
Coordenadora do Observatório

importante, ocorreu no período de solicitação de isenção da taxa de inscrição, de 17 a 28 de abril. O material da ação foi veiculado nas redes sociais do Observatório do Conhecimento e dos demais parceiros. Ele também contou com uma ação presencial no município de Diadema, na Grande São Paulo, através da Rede Articul@ções, que organizará atividades em escolas públicas. Nesta quinta-feira, aconteceu um tuitaço que envolveu todas as entidades que participam do “O Enem abre portas”. A segunda fase se dará próximo do período efetivo das inscrições, que ocorre entre os



dias 5 e 16 de junho.

Como parte dos esforços para ampliar a participação de jovens no exame, o Observatório do Conhecimento e a Rede Articul@ções protocolaram no MEC e no Inep um pedido de prorrogação do prazo de solicitação de isenção da taxa de inscrição no Enem. O pleito foi reforçado através de requerimento enviado pela deputada federal Ana Pimentel (PT-MG), vice-presidente para o ensino superior da Frente Parlamentar Mista da Educação.

O pedido foi negado pelo Inep, que alegou que não há espaço no calendário do exame

para a extensão do prazo de isenção e que alunos concluintes do Ensino Médio, se oriundos de escola pública, poderão pedir a isenção da taxa no seu ato de inscrição, em junho.

Mas a nota técnica que acompanhou a resposta do Inep trouxe uma boa notícia. Até as 17h de quarta-feira (26), já haviam sido registrados 1.832.147 pedidos de isenção, o que significa um acréscimo de 150 mil pedidos em comparação ao mesmo período do ano passado. E o número total de solicitação de isenção deve ultrapassar a marca do ano passado, quando foram feitos 1.949.448 pedidos.



“DEFENDEMOS UMA PARTICIPAÇÃO MAIS AMPLA DOS DOCENTES”



A AdUFRJ completou 44 anos de fundação na quarta-feira (26). Cada professor conta para esta história. Cada gestão do sindicato se empenha ao máximo na defesa dos direitos docentes. A diretoria atual não é diferente. Votações expressivas em assembleias importantes são o orgulho do presidente, professor João Torres, do Instituto de Física. Mais de mil pessoas participaram da reunião que deliberou contra a adesão à greve nacional dos servidores federais, em março do ano passado. “Defendemos uma participação mais ampla dos docentes na vida sindical. Não era a concepção que se tinha até 2015 aqui na UFRJ”, afirma. Confira a seguir:

ENTREVISTA | JOÃO TORRES, PRESIDENTE DA ADUFRJ

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Jornal da AdUFRJ - Quais foram os momentos marcantes da gestão até aqui?

João Torres - Os momentos mais gratificantes ocorreram quando nossa base apoiou de forma maciça as proposições da diretoria nas assembleias. Em março do ano passado, em uma votação histórica, os professores da UFRJ decidiram não aderir a uma greve nacional que os servidores federais estavam organizando. Foram 883 votos contra 169 e 24 abstenções. A gestão sempre defendeu a ideia de manter a Universidade funcionando. Só devemos fazer greve em momentos muito extremos e quando há reais possibilidades de ganhos. No final do governo Bolsonaro, a greve seria totalmente absurda. Serviria apenas para dar combustível para a direita brasileira.

Houve também a assembleia para decidir o apoio à chapa de Lula.

Sim, no fim de outubro, foram 318 votos a favor da candidatura de Lula contra 107 e apenas 20 abstenções. Já era nosso compromisso de campanha aqui na AdUFRJ apoiar a candidatura do campo democrático com mais chances de derrotar o bolsonarismo. Aliás, eu sempre participei da AdUFRJ de alguma forma. Mas, sem dúvida alguma, o que me motivou a candidatura para esta gestão foi a preocupação com o governo Bolsonaro. Nossa avaliação era que, se ele ganhasse pela segunda vez, a universidade seria destruída. Eu não poderia ficar só trabalhando com astropartículas e dando aula aqui para os meus alunos.

Quais suas impressões sobre esses pouco mais de 100 dias do governo Lula?

Já fez muito mais pela população brasileira do que o Bolsonaro em quatro anos.

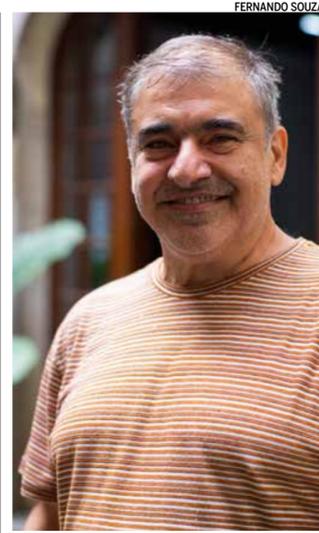
Houve uma retomada de investimentos e voltamos a ter um mínimo de credibilidade internacional. Mas sabemos que não será um governo fácil, porque o Senado e a Câmara são muito conservadores. No caso das universidades, a predisposição do governo para o diálogo é a melhor notícia. Houve essa recomposição orçamentária, mas ainda estamos no negativo na UFRJ. São dois meses descobertos ao final do ano.

Como se sente fazendo parte dessa história de 44 anos da AdUFRJ?

Eu me sinto desafiado, porque a AdUFRJ teve pessoas como Pinguelli e outros presidentes com muita importância no sindicalismo brasileiro. Depois, o sindicato mudou um pouco e, desde 2015, voltou ao rumo original. Defendemos uma participação mais ampla dos docentes na vida sindical. Não era a concepção que se tinha até 2015 aqui na UFRJ.

O que mais a AdUFRJ tem feito de diferente nessas gestões recentes?

A AdUFRJ também tem esse lado muito importante para fora dos muros da universidade, fazendo o *advocacy*. O Observatório do Conhecimento, com a Mayra (Goulart, vice-presidente da AdUFRJ), tem organizado campanhas muito importantes. Alguns exemplos: a defesa das cotas; a defesa do orçamento das universidades e institutos de pesquisa e, mais recentemente, para estimular os jovens a se inscreverem no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Conversamos com todo mundo que quer conversar com a gente. Quando vamos ao Congresso pelo Observatório, não perguntamos qual a linha ideológica da pessoa. Temos que convencê-la a fazer o melhor para a universidade e para os professores. Da



FERNANDO SOUZA

Quais os planos para a reta final da gestão?

Brigamos muito pelos adicionais de insalubridade a que os docentes têm direito, mas não recebem pelos mais variados motivos. Reivindicamos a revogação das regras que prejudicam as progressões funcionais docentes. Fizemos reuniões com a reitoria, mas não obtivemos resultado administrativamente e decidimos entrar na Justiça, no fim do ano passado. Internamente, estamos com uma campanha na rua que diz “Respeitar a Universidade é valorizar o professor”. Queremos ouvir os colegas sobre as condições de trabalho. Também defendemos simplificar o processo de progressão. Na nossa opinião, a universidade deveria seguir o exemplo das unidades que fazem as coisas mais simples, que funcionam, e colocar isso como modelo para as demais. Nesse final de gestão, vamos continuar trabalhando, ao lado do Observatório do Conhecimento, para o governo revogar as normas que deixam os gestores das universidades na defensiva, com risco de sofrer penalidades no próprio CPF. Isso terá reflexos muito positivos para a carreira docente, nas progressões e na obtenção dos adicionais ocupacionais, entre outras medidas administrativas da universidade.

Por que é importante se filiar?

Porque é importante fortalecer o sindicato como uma representação independente, aguerrida em defesa dos direitos dos professores. Alguns colegas nossos ainda não compreenderam a importância do sindicato como um espaço vital para a carreira docente. Para mudar esse cenário, estamos com uma campanha de sindicalização com desconto para as classes iniciais da carreira. Convido todos os professores para também ajudarem a escrever esta história por muitos e muitos anos.

“Convido todos os professores para também ajudarem a escrever esta história por muitos e muitos anos”

última vez que fui a Brasília, conversei com a Sâmia Bomfim (PSOL-SP) e com o General Peternelli (União-SP).

LINHA DO TEMPO



ERICKSSON ALMENDRA: “A ADUFRJ JÁ NASCEU MUITO GRANDE”



O professor Ericksson Rocha e Almendra, da Escola Politécnica, exerceu papel de destaque na fundação da AdUFRJ. Ajudou a elaborar o estatuto, procurou um espaço para a sede, correu atrás do desconto em folha para a nascente associação e contratou os primeiros funcionários. O docente integrou o primeiro Conselho de Representantes da entidade (de 1979 a 1981) e se tornou o segundo presidente (1981-1983), após a gestão de Luiz Pinguelli Rosa, que faleceu em 2022. Nesta entrevista ao Jornal da AdUFRJ, Ericksson fala sobre os desafios daquele período e ressalta o papel da associação como ponto de encontro dos professores da UFRJ.

ENTREVISTA | ERICKSSON ROCHA E ALMENDRA, SEGUNDO PRESIDENTE DA ADUFRJ (1981-1983)

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Jornal da AdUFRJ - Como começou o processo de fundação da AdUFRJ?

Ericksson Rocha e Almendra - Entrei na UFRJ em 1977. Nos primeiros seis meses, havia uma efervescência na universidade por conta de uma reforma universitária que estaria sendo preparada pelo governo — e que nunca veio. Começaram as reuniões de docentes para discutir o assunto na sala G-122 do Centro de Tecnologia. Algumas reuniões passaram a ocorrer no IFCS, ao anoitecer, para atrair pessoas das outras unidades. E logo surgiu a ideia de se constituir uma associação docente.

O senhor guarda alguma história curiosa daquele período inicial da associação?

Furtaram meu carro no Fundão e a polícia encontrou. Fui buscar. Quando cheguei lá, o delegado disse que iria fazer uma revista no veículo antes de me entregar. E abriu o porta-malas. Lá dentro, havia material de campanha da AdUFRJ, panfleto, faixa, cartaz de assembleia. O cara coçou a cabeça e perguntou se o material era meu. Hesitei um pouco — aquilo ainda era considerado material subversivo à época —, mas respondi que sim. Aí ele disse: “Ainda bem”. Eu perguntei: “Por quê?”. Ele contou que, se fosse dos ladrões, não poderia devolver o carro, teria que remeter tudo para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), ia ser uma complicação. “Eu já estou cansado, querendo ir embora pra casa. Leve o seu material e faça bom uso”, disse (risos).

Quais eram as dificuldades, no início?

Com muita franqueza, a primeira pessoa que cuidou da infraestrutura da associação fui eu. Desde a primeira gestão, quando estava no Conselho de Representantes. A entidade não tinha nada e havia pessoas que relegavam ao quarto, quinto

plano a necessidade de uma sede e do desconto em folha para a associação. Foram iniciativas minhas. O professor Amaranto Lopes, então decano do CT, cedeu uma sala, onde fica a sede até hoje.

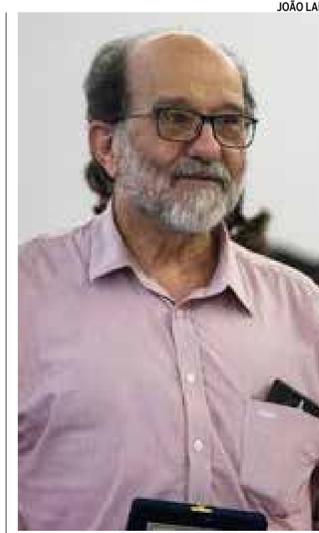
O professor Antonio Giannella Neto, do programa de Engenharia Biomédica, que era muito mobilizado, hoje emérito da Coppe, ofereceu a secretária Stavna para nos ajudar. Não lembro o sobrenome. Na primeira gestão, a estrutura estava muito baseada na ajuda que a nossa primeira “funcionária” nos dava. No processo de ter uma sede, contratamos Elisa (de Jesus, que se aposentou) e também o Belini (de Souza, hoje o funcionário mais antigo do sindicato).

Havia mais algum obstáculo a ser superado, na época?

A primeira grande complicação foi a elaboração do estatuto. Havia um racha em torno do artigo que separava completamente a administração da universidade dos cargos na AdUFRJ. Isso impediria que algum diretor de unidade, por exemplo, pudesse ser diretor da AdUFRJ. Essa visão acabou prevalecendo e está no estatuto até hoje. Eu, pessoalmente, acho saudável. Na mesa da assembleia de fundação, eu estava encarregado da redação. Eu me aproximei do Pinguelli nesse processo de debate.

O senhor imaginava, lá nos anos 80, que a AdUFRJ iria tomar a dimensão que tomou?

Na verdade, não por mérito das primeiras direções ou coisa que o valha, mas acho que por uma questão do ‘clima’ da época, a AdUFRJ já nasceu muito grande. Nós tivemos o auditório do CT lotado na assembleia de fundação. As primeiras greves lotavam o auditório do CT. As pessoas estavam dispostas a abandonar



JOÃO LAET

tudo para ir a três assembleias numa semana. Houve mobilização forte aqui na UFRJ para arrecadar recursos para o fundo de greve dos metalúrgicos do ABC. Desse ponto de vista do envolvimento das pessoas, não sei se a AdUFRJ cresceu, não. Ela passou por períodos de altos e baixos. Mas acho que está numa boa fase atualmente.

Como o senhor se sente fazendo parte dessa história de 44 anos da AdUFRJ?

Estou fazendo 70 anos. Vivi bem a vida. Me envolvi em muitas coisas. Perdi muitas brigas; ganhei algumas. A AdUFRJ faz parte de uma briga que eu ganhei. A entidade está aí até hoje. Está consolidada como parte do jeito de ser da universidade. A AdUFRJ não foi a primeira, mas foi uma das primeiras associações docentes. E hoje toda universidade tem uma.

Por que é importante o professor se filiar?

Você se envolve com os problemas da sua comunidade, da sua categoria, é algo muito importante. E mais um detalhe: a AdUFRJ é ponto de encontro de professores de formação diversa. Essa universidade é paupérrima em ambientes em que as pessoas se encontram: um professor da Medicina e da Filosofia; um de Ciências Sociais e outro do Direito; um da Economia e um engenheiro. É um dos grandes problemas da UFRJ. E a AdUFRJ, desde o seu início, deu uma contribuição muito importante nisso. Eu não imaginava encontrar um professor da Filosofia que não fosse numa reunião da AdUFRJ. E isso está na essência da vida universitária.

Nós temos uma desvantagem terrível em relação à Uerj. Ela é cercada de botecoquins por todos os lados. (risos) São pontos de encontro. A UFRJ não tem botecoquins aqui dentro e os que estão fora ficam longe.

“A AdUFRJ é ponto de encontro de professores de formação diversa. Essa universidade é paupérrima em ambientes em que as pessoas se encontrem”



2022

- Apoio a Lula, logo no primeiro turno, contra a reeleição de Bolsonaro



Presentes para os docentes



A AdUFRJ acaba de completar 44 anos, mas quem ganha o presente são os professores. Os filiados já podem passar na sede do sindicato para pegar bloco, caderno e adesivos da campanha “Respeitar a universidade é valorizar o professor”. A arte que ornamenta a capa dos materiais — exposta em banners pela Cidade Universitária desde o início do ano letivo — agora poderá ser levada com orgulho para todas as salas e corredores da UFRJ.

